

# Relações entre literatura e imprensa em *A Informação Goyana*: esboço para um estudo de caso

## *Relationships between Literature and Press in A Informação Goyana: Outline for a Case Study*

**Júlio César Kohler**

**Damasceno Baron**

Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Goiânia | GO | BR  
juliobaron@discente.ufg.br  
<http://orcid.org/0009-0001-7314-6129>

**Priscila Renata Gimenez**

Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Goiânia | GO | BR  
priscilagimenez@ufg.br  
<http://orcid.org/0000-0001-6727-8224>

**Resumo:** Esta pesquisa apresenta levantamento e análise dos textos literários presentes nos dois primeiros volumes da revista *A Informação Goyana*. Com edição e impressão no Rio de Janeiro entre 1917 e 1935, este periódico expôs as potencialidades econômicas de Goiás, em busca de visibilidade e investimentos para o estado diante da então capital federal. Nesse sentido, tentamos responder de que modo os gêneros literários presentes nas 24 edições consultadas na revista microfilmada corroboraram as intenções editoriais, além de reconhecer a contribuição da imprensa periódica para a inserção e estabelecimento de determinados escritores, como Hugo de Carvalho Ramos e Cora Coralina, no campo literário brasileiro. Para tanto, tratamos do percurso da imprensa em Goiás para a formação e circulação da literatura em ou sobre a região, demonstrando a contribuição essencial de *A Informação Goyana* para a produção e circulação da literatura goiana na conjuntura nacional.

**Palavras-chave:** *A Informação Goyana*; imprensa em Goiás; literatura em Goiás.

**Abstract:** This research presents a survey and analysis of the literary texts present in the first two volumes of the magazine *A Informação Goyana*. Published and printed in Rio de Janeiro between 1917 and 1935, this periodical exposed the economic potential of Goiás, in search of visibility and investments for the state when faced with what was then the federal capital. In this sense, we tried to answer how the literary genres present in the 24 edi-



tions consulted in the microfilmed magazine corroborated the editorial intentions, in addition to recognizing the contribution of the periodical press to the insertion and establishment of certain writers, such as Hugo de Carvalho Ramos and Cora Coralina, in the Brazilian literary field. To this end, we attended to the journey of the press in Goiás towards the formation and circulation of literature in, or about, the region, demonstrating the essential contribution of *A Informação Goyana* to the production and circulation of Goiás literature in the national context.

**Keywords:** *A Informação Goyana*; press in Goiás; literature in Goiás.

## 1 Introdução

Este artigo pretende apresentar a análise de textos literários presentes na revista *A Informação Goyana*, publicada no Rio de Janeiro entre os anos 1917 e 1935, com periodicidade mensal, sob os auspícios dos goianos da então cidade de Bonfim, atual Silvânia, Henrique Silva e Antônio Americano do Brasil. Considerando o volume de material e de dados oferecidos por esta revista, fizemos um recorte, propondo apreciação dos dois primeiros anos – logo, de 24 números. A pesquisa foi realizada a partir da revista microfilmada, disponível na plataforma da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ainda que uma variedade de trabalhos tenha se debruçado sobre *A Informação Goyana*, as abordagens costumam enfatizar o papel propagandístico da revista, visando analisar as representações e interpretações das potencialidades econômicas e naturais de Goiás para o resto do Brasil (Lisboa, 2009; Nepomuceno, 2003). Também já se buscou analisar o que foi dito sobre a instrução elementar, como (suposto) requisito para o progresso regional (Borges, 2009), até o uso da revista como fonte para pesquisas variadas, sobre a história política e econômica do estado. Embora praticamente todos esses trabalhos tenham, ao menos, citado a presença de textos literários, são escassos os que consideraram a indissociação entre o periódico e a inserção de escritores no campo literário brasileiro. Nesse sentido, pelo menos três trabalhos merecem destaque.

Em primeiro lugar, *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles (2019), antologia e livro maior da historiografia literária do estado até o momento. O autor atribui à fundação do primeiro jornal da então província (*Matutina Meyapontense*, de 1830), bem como à criação do Liceu de Goiás (1847) e do Gabinete Literário Goiano (1864), as causas para a abertura de “novas perspectivas para os goianos, [...] preparando as gerações que, através do jornalismo e da literatura, participaram intensamente das ideias abolicionistas e republicanas” (Teles, 2019, p. 54). Mediante consulta em jornais, revistas e periódicos, Teles (2019, p. 84) considera que “a experiência nos jornais que iam aparecendo nos levaria depois às primeiras produções poéticas”, identificando o idealismo romântico como estética predominante, ainda que não

única, desde as primeiras anotações literárias de que se tem registro, em fins do século XVIII, até, pelo menos, o início do XX.

Também merece destaque a obra *Cora Coralina: raízes de Aninha* (2009), biografia de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, escrita por Clovis Carvalho Britto e Rita Elisa Sedda. Valendo-se de uma ampla pesquisa documental, este livro recorre a uma série de jornais e periódicos editados em solo goiano, paulista ou carioca, por onde Cora publicou parte de sua produção em prosa e verso antes do lançamento de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, em 1965. *A Informação Goyana* é um deles.

Ainda sobre a obra de Cora Coralina, somam-se ao esforço de Britto e Sedda os estudos de Monteiro (2020) e Nunes e Quintela (2022), os quais reconhecem não só a relação intrínseca entre imprensa e literatura mediante publicações de originais e exercícios de crítica literária, como, também, a atuação das instituições para o processo de canonização. Nunes e Quintela concluem com a percepção de que “um sistema literário não era só constituído pelas relações entre autores, obras e leitores. [...] Dependia também dos efeitos que poderia gerar o reconhecimento explícito por parte de agentes e instâncias do campo cultural” (2022, p. 22), como jornais, academias de letras e artes e universidades, requisitos que foram fundamentais para o impulsionamento da obra da escritora.

Também buscaremos compreender como a imprensa, na figura de *A Informação Goyana*, contribuiu para a inserção de Hugo de Carvalho Ramos, autor do consagrado livro de contos *Tropas e boiadas* (1917), no campo literário brasileiro, uma vez que é o nome com mais textos de literatura publicados na revista durante o período analisado. Cabe mencionar uma coincidência: a primeira edição de *Tropas e boiadas*, impressa pela *Revista dos Tribunais*, do Rio de Janeiro, data de fins de fevereiro 1917 (Ramos, 1984, p. 19), e a primeira edição de *A Informação Goyana* sai em 15 de agosto do mesmo ano. Considerando a integração do autor ao circuito literário carioca, também merece nota a suposta relação de mutualismo entre Hugo de Carvalho Ramos e a revista editada por Henrique Silva e Americano do Brasil, sem desconsiderar outros periódicos por onde o literato publicou no início do século XX, como a *Fon-Fon*.

Além da análise mais detida sobre os textos assinados por Cora Coralina e Hugo de Carvalho Ramos, serão mencionados outros, tanto de autores goianos, quanto externos à literatura feita em Goiás, publicados n’*A Informação Goyana*. É o caso de nomes consagrados à época, como Afonso Arinos e Carlos Maul. Tais textos interessam pela afinidade temática, em reverência às lendas e paisagens circunscritas pelo território goiano. Em alguma medida, a inserção desses registros nas páginas da revista revela que as representações artísticas de Goiás estavam vinculadas a um repertório cultural que inseria as categorias sociais, históricas e geográficas desse que, segundo o editorial da primeira edição, era o “Estado mais central e menos conhecido do Brasil” (“*A Informação Goyana*”, 1917, p. 3). Essa unidade repertorial da chamada literatura goiana só será interrompida, em partes, mediante a publicação de nomes como José Décio Filho na revista *Oeste* a partir de 1942, e, efetivamente, nos anos 1960, já durante o aumento da densidade demográfica e franco processo de urbanização da nova capital, Goiânia.

## 2 Literatura e imprensa em (e sobre) Goiás: da *Matutina Meyapontense* à *Informação Goyana*

Antes da observação mais detida dos exemplares de *A Informação Goyana*, faremos uma breve exposição, tomando como ponto de partida a chegada de uma prensa tipográfica e a edição do primeiro jornal da então província, em 1830, até o aparecimento de *A Informação Goyana*, em 1917.

O primeiro periódico a circular em Goiás foi concebido por iniciativa particular de Joaquim Alves de Oliveira, “o empresário mais rico nas primeiras décadas do século XIX da Província de Goiás” (Teles, 2011, p. 310). Detentor de uma tipografia<sup>1</sup> “adquirida na Côte, no ano de 1829, e trazida para a então vila de Meia-Ponte, hoje lendária cidade de Pirenópolis” (Lobo, 1949, p. 9), consta que este jornal circulou até 1834, com 526 números publicados. Além de inserir atas do governo e discursos oficiais, a *Matutina Meyapontense* também possibilitou “[...] a publicação dos primeiros textos literários da história da literatura goiana” (Teles, 2011, p. 310), sobressaindo a produção em versos do cônego Luiz Antônio da Silva e Souza, “político, poeta, jornalista, tribuno, o primeiro a escrever sobre a história de Goiás” (Teles, 1978, p. 23).

Sem desconsiderar veículos como o *Correio Oficial*, impresso também na tipografia de Joaquim Alves de Oliveira, adquirida pelo presidente da província José Rodrigues Jardim em 1835 e circulando com pontualidade durante 15 anos (Lobo, 1949, p. 13-17), fontes como Lobo (1949), Pina Filho (1971) e Teles (2019) mencionam uma série de periódicos com inserção cultural e literária circulando em várias cidades de Goiás, ainda que predominantemente na capital, após a Proclamação da República. Se “escritores, poetas, políticos, fizeram do jornal o meio imediato de levar ao público suas obras e pensamentos” (Pina Filho, 1971, p. 89), há mesmo de se destacar que nos fins do século XIX em Goiás, “toda a produção poética foi feita através da imprensa” (Teles, 2019, p. 109), com ênfase para a atuação de Antônio Félix de Bulhões Jardim. Jornalista e poeta de espírito republicano e abolicionista, Bulhões Jardim era detentor de uma tipografia e foi responsável pela edição de periódicos como *A Província de Goyaz*, que circulou entre 1869 e 1873, por onde veiculou parte de sua produção.

Já no início do século XX houve uma efervescência cultural, também decorrente dos marcos históricos do momento. Além de um crescente movimento editorial,<sup>2</sup> destacaram-se o semanário *A Rosa*, em 1907, “impresso em papel de cor de rosa e dirigido por um grupo de senhoritas (Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana), o qual funcionou como veículo das ideias do movimento literário da Cidade de Goiás” (Teles, 2019, p. 115); *Nova Era*, que circulou entre 1914 e 1917, de cunho noticioso e literário, sob a direção do também poeta Joaquim Bonifácio de Siqueira; *O Lar*, já de 1926, predominantemente literário

<sup>1</sup> Ainda que a primeira tipografia de que se tem notícia em Goiás tenha sido de propriedade particular, é necessário mencionar que “devemos ao marechal Miguel Lino de Moraes, segundo presidente da Província, nomeado por carta imperial em 31 de janeiro de 1827, a iniciativa do estabelecimento da imprensa na vasta extensão do Brasil. [...] Foi, entretanto, a gigantesca iniciativa vetada pelo ministério do Império, que a julgou prematura” (Lobo, 1949, p. 9). Dessa recusa podemos apreender que, apesar de recém-declarada a independência político-administrativa de Portugal, ainda não havia uma política de integração do sertão brasileiro através dos meios de comunicação. Por outro lado, também pode-se afirmar algum pioneirismo, na medida em que Goiás “foi uma das primeiras províncias do Brasil a possuir imprensa livre” (Almeida, 1944, p. 189 *apud* Teles, 2019, p. 80).

<sup>2</sup> Grande parte dos livros dessa fase da literatura feita em Goiás leva nomes de flores e evoca temáticas escapistas, pouco ou nada revelando sobre o ambiente. Para uma relação mais detida sobre os nomes e autorias, cf. Teles, 2019, p. 114.

(Lobo, 1949, p. 30-31), além de *A Imprensa e Goyaz – Órgão Democrata*, onde Cora Coralina publicou alguns de seus primeiros escritos. Também vale ressaltar o que consta na parte literária do *Anuario histórico, geographico e descriptivo do estado de Goyaz*, no qual o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo faz a primeira compilação, ainda que panorâmica, de escritores e peças literárias de que se tem notícia, com direito a comentários que apontam para um incipiente exercício de crítica e de historiografia literária.

Apesar desse contexto, ascendente, pouco se sabia sobre o estado no restante do país. Considerando que o primeiro escritor goiano a obter expressão no cenário nacional foi Hugo de Carvalho Ramos, a partir de 1917, com o livro de contos *Tropas e boiadas*, percebe-se que a movimentação constatada entre o final do século XIX e início do XX revelou tentativas de integração, ainda que tardia, com as correntes romântica e parnasiana, já encerradas nos grandes círculos literários de então.<sup>3</sup> Essa conjuntura pode ser justificada tanto pelos fluxos migratórios para Goiás, quanto pela ida de goianos aos considerados centros irradiadores de instrução e de produção literária e editorial do período.

É o caso, por exemplo, de dois célebres nomes da literatura do estado entre 1830 e 1903, ou seja, o mencionado Antônio Félix de Bulhões Jardim, que, tendo estudado Direito em São Paulo de 1859 a 1866, estabelece contato com as maiores figuras da última fase do romantismo nacional (Teles, 2019, p. 88), e Manuel Lopes de Carvalho Ramos, pai de Victor e Hugo de Carvalho Ramos. Manuel nasceu em Cachoeira, Bahia, e foi diretor ativo do Gabinete Literário Goiano a partir de 1892 (Figueiredo, 2016, p. 88). Além disso, “se entregou a uma grande produção literária, tornando-se o líder intelectual de sua época, acéfala com a morte de Félix de Bulhões, em 1887” (Teles, 2019, p. 106). Consta que Manuel, antes de sua vinda para Goiás na condição de juiz de direito, foi “motivado muito cedo para a literatura, fundou e participou de várias entidades culturais em Cachoeira e Recife [...], anterior e posteriormente à vida universitária na capital pernambucana, também marcada por realizações culturais” (Figueiredo, 2016, p. 81). Esse trânsito formativo e cultural<sup>4</sup> em centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Recife foi o mesmo percurso realizado pelos goianos Henrique Silva e Americano do Brasil, mentores da revista *A Informação Goyana*, editada a partir de 1917 no Rio de Janeiro.

### 3 Amostras de Goiás em *A Informação Goyana*: trajetória intelectual dos editores e intenções editoriais

Segundo dados coletados por Nepomuceno (2003, p. 38-39), os 213 números de *A Informação Goyana* totalizaram um quantitativo de 2.229 matérias. Na divisão por temas, o mais recorrente

<sup>3</sup> Curioso como os estigmas de “isolado” e “atrasado”, amplamente atribuídos a Goiás pela história política e econômica – e que foram devidamente desconstruídos por Chaul (2018) –, também se aplicam à historiografia literária. Essa visão parece razoável pensando-se, por exemplo, que as tendências românticas e parnasianas tomaram conta da vida cultural de Goiás num momento de ascensão do realismo em nível nacional – para ficarmos em apenas um exemplo. As páginas de *A Informação Goyana* também oferecem pistas para essa discussão, conforme veremos na parte analítica deste trabalho.

<sup>4</sup> “A primeira escola de ensino superior de Goiás – a *Academia de Direito* –, só foi instalada em 1903, quando José Xavier de Almeida era o presidente do Estado. Com exceção dos ensinos de Farmácia e Odontologia, criados em 1922 e 1923, respectivamente, as demais instituições de ensino superior só começaram a aparecer em Goiás a partir da década de 1940” (Baldino, 1991, p. 56 e 66 *apud* Nepomuceno, 2003, p. 101). Daí esse trânsito em busca de formação ser uma necessidade no período.



é Economia, com 17,14% do espaço; em segundo lugar está Recursos Naturais, com 11,98%, seguido de Notas e Informações, com 11,17%, além de 10,86% de Transportes, 7,22% de artigos sobre a própria revista e, por fim, os discursos de Literatura, que totalizam 43 publicações, sendo 1,93% do total. Em termos de formatação, a revista tinha a seguinte configuração:

com expressiva parte das matérias ilustradas por desenhos e fotografias em formato 32x24 cm, durante todo o tempo em que circulou, *A Informação Goyana* teve seu conteúdo disposto em páginas de duas colunas. Seus títulos, bem como os demais caracteres utilizados, eram nítidos. O número de páginas variava de oito a dezesseis, predominando, contudo, o padrão de oito páginas. [...] Não organizava seus temas em seções previamente definidas (Nepomuceno, 2003, p. 41).

Imagem 1 – Revista *A Informação Goyana*, ano II, v. II, n. 4



Fonte: *A Informação Goyana* (1918, p. 65).

Nepomuceno (2003, p. 31; 52) informa que *A Informação Goyana* “não ultrapassou os 500 exemplares de tiragem”, e que “Henrique Silva encarregava-se, ele próprio, da distribuição da

revista”. A autora aponta, ainda, que houve circulação em vários estados do Brasil, com ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo, além de outros países, como Argentina, Uruguai e França.

A formação intelectual que orientou Henrique Silva<sup>5</sup> e Antônio Americano do Brasil,<sup>6</sup> bem como outros nomes que publicaram com alguma regularidade em *A Informação Goyana*, tem bases fundamentadas pela Faculdade de Medicina e, principalmente, pela Escola Militar da Praia Vermelha, ambas situadas no Rio de Janeiro. No caso da Escola Militar da Praia Vermelha, por onde também circularam outros colaboradores da revista,<sup>7</sup> predominou o pensamento positivista de Auguste Comte, fortemente influenciado pela presença do intelectual republicano Benjamin Constant como professor, a partir de 1870.

A Escola Militar da Praia Vermelha carregava uma espécie de contradição, uma vez que era baseada numa natureza de ensino abrangente, menos ortodoxa, de formação mais reflexiva e socializante que propriamente prática em relação a estratégias de ação armada. Essa ênfase em exercícios contemplativos “acentua-se mais ainda, se aos conteúdos curriculares forem associados os debates travados no interior das sociedades científicas, filosóficas, literárias e até dramáticas ali existentes” (Nepomuceno, 2003, p. 72-73), *vide*, por exemplo, a Sociedade Fênix Literária. De vocação pedagógica, essa agremiação elaborou uma revista mensal sem “nenhuma referência à condição militar de seus redatores, nem mesmo quando expressou os objetivos pedagógicos da publicação, isto é, seu intento de contribuir para o desenvolvimento moral e intelectual do povo brasileiro” (Nepomuceno, 2003, p. 78).

Considerando que a formação de Henrique Silva foi realizada nessa instituição, podemos extrair duas conclusões: primeiro, a elaboração de *A Informação Goyana* foi pioneira, na medida em que teve como foco o desenvolvimento de uma ideia de nação a partir da inserção de Goiás aos centros cosmopolitas da época; e, mesmo que pequeno, o espaço atribuído à literatura, bem como seu teor, pode revelar como ela foi usada como recurso útil para a confirmação desse projeto. Essa perspectiva editorial já se encontra resumida pelo prospecto, presente no primeiro número da revista, publicado em 15 de agosto de 1917:

O periodismo carioca nas suas revistas dos Estados não inclui nunca o de Goyaz. Nem nos trabalhos organizados pela Directoria de Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda, nem nos do Serviço de Estatistica Commercial do Rio de Janeiro o simples vocabulo indigena Goyaz vem mencionado. Ora, um dos principaes esforços desta revista é precisamente collocar diante dos olhos dos capitalistas, dos industriaes e dos commerciantes as possibilidades economicas sem conta do Estado mais central e menos conhecido pelo Brasil. “A Informação Goyana” traz, portanto, um fim e um programma que bem a difinem na imprensa brasileira (“A Informação Goyana”, 1917, p. 3).<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Henrique Silva, por muitos chamado de “general das letras goianas”, iniciou a carreira em 1882, na condição de cadete, no Esquadrão de Cavalaria de Goiás, matriculando-se, no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha. Em 1891 se aproximou do jornalismo pela fundação da revista *Brazil Central*, que só teve um número. Essa revista foi considerada por J. J. Curado como o número zero de *A Informação Goyana*. Cf. Nepomuceno, 2003, p. 84-86, 97 e Teles, 2011, p. 402.

<sup>6</sup> Antônio Americano do Brasil foi historiador, poeta, folclorista, jornalista e político. Consta que Henrique Silva era seu tio-avô. Cf. Nepomuceno, 2003, p. 97 e Teles, 2011, p. 77-78.

<sup>7</sup> Para uma relação completa dos nomes, cf. Nepomuceno, 2003, p. 89-92.

<sup>8</sup> Esta e todas citações do artigo transcritas da revista preservaram a grafia da época, como disposto no original.

## 4 Discursos literários em *A Informação Goyana*: uma análise dos anos iniciais

Ainda que haja uma diversidade temática, “traço que lhe confere um perfil enciclopédico e que acentua seu intento de defender e projetar Goiás no cenário nacional” (Nepomuceno, 2003, p. 39), a predominância dos temas Economia, Recursos Naturais, Notas e Informações e Transportes diz muito sobre os principais objetivos que nortearam a publicação da revista. Incomodados com a falta de atenção dada a Goiás pela imprensa carioca, os editores visavam angariar investimentos de empresários e mais atenção do poder público para o aprimoramento da infraestrutura, sobretudo no que tangia à comunicação de Goiás com o restante do Brasil pela extensão da linha férrea. Tratava-se, antes de tudo, de um projeto de integração nacional, ainda que realizado por um teor de idealização regionalmente ufanista, conforme a própria predominância de uma literatura romântica também pode atestar.

Quanto aos textos literários presentes em *A Informação Goyana*, entre agosto de 1917 e agosto de 1919, apresentamos a seguir tabelas que sistematizam a pesquisa realizada sobre esse conteúdo nesses primeiros anos do periódico. Visto que o material literário publicado na revista aparecia em diversos gêneros e variada extensão, a sistematização descreve a data e edição em que os artigos foram publicados, se o autor é natural de Goiás ou não, além do título e do gênero do artigo. Esse último item visa especificar a natureza e a extensão do artigo ou trecho literário, a fim de traçar um panorama das formas do conteúdo literário empregadas pela revista nesse período. Busca, ainda, perceber como esses usos podem ter corroborado para o projeto de integração de Goiás ao cenário nacional, que era caro aos idealizadores da revista. Tal método possibilita conclusões não só sobre a importância da imprensa como recurso à estabilização de determinada autoria no campo literário brasileiro, mas também permite compreendermos as intenções dos diretores da revista em relação aos textos e autores publicados.

### 4.1 Dados coletados do volume I de *A Informação Goyana* (agosto de 1917 a julho de 1918)

O primeiro ano de circulação apresenta ao menos dezoito artigos literários, sendo eles dos seguintes gêneros: conto (quatro incidências); crônica, textos folclóricos e outros, de cunho argumentativo, que usam a literatura como repertório cultural de recurso à persuasão (três incidências de cada); dois poemas de natureza épica, além de um esboço de crítica literária, um uso de epígrafe e uma narrativa de viagem, conforme detalhado na tabela 1:



Tabela 1 – Artigos literários repertoriados no volume I de *A Informação Goyana*

Edição	Autor goiano	Autor não goiano	Título do artigo	Gênero do artigo
Agosto de 1917 (v. I, n. 1)	Victor de Carvalho Ramos	-----	“Um mundo desconhecido”	Crônica
	-----	Carlos Maul	“A lenda de Ariana”	Poema épico
Setembro de 1917 (v. I, n. 2)	Americano do Brasil	-----	“A fertilidade do solo goyano”	Citações para corroborar texto argumentativo
	Henrique Silva	-----	“As mil e uma noites do sertão (seus pro-homens)”	
	Americano do Brasil	-----	“Pelos campos agrestes”	
Outubro de 1917 (v. I, n. 3)	Hugo de Carvalho Ramos	-----	“Flor silvestre”	Conto
Novembro de 1917 (v. I, n. 4)	Sem assinatura <sup>9</sup>	-----	“Pela botânica médica no Brasil”	Epígrafe com “Ode – dedicatória de Camões aos <i>Colloquios de Garcia Orta</i> ”
Dezembro de 1917 (v. I, n. 5)	-----	Affonso Arinos	“Burity perdido”	Conto
Janeiro de 1918 (v. I, n. 6)	-----	-----	Nenhum material encontrado	-----
Fevereiro de 1918 (v. I, n. 7)	-----	-----	Nenhum material encontrado	-----
Março de 1918 (v. I, n. 8)	Sem assinatura	-----	“Trovas Goyanas”	Trova
	Hugo de Carvalho Ramos	-----	“O caminho das tropas”	Conto
	Sem assinatura (Henrique Silva)	-----	Nota do redator com comentário sobre a obra de Hugo de Carvalho Ramos	Esboço de crítica
Abril de 1918 (v. I, n. 9)	-----	Joaquim Manoel de Macedo	“D. Damiana da Cunha”	Crônica
	Americano do Brasil	-----	“Das margens do Araguaya”	Narrativa de viagem
	Victor de Carvalho Ramos	-----	“A aposta (Scenas do sertão goyano)”	Conto
	Sem assinatura	-----	“Lendas Goyanas”	Folclore

<sup>9</sup> Dado o tom investigativo sobre a flora para uso medicinal no caso desse texto, o uso da composição poética “trova” em texto sem assinatura presente na edição de abril de 1918, e sem desconsiderar a formação dos editores da revista, acreditamos que tenham sido escritos por Henrique Silva e Americano do Brasil, respectivamente.

Maio de 1918 (v. I, n. 10)	-----	Carlos Maul	"Interpretação de um mytho indígena"	Poema épico
Junho de 1918 (v. I, n. 11)	-----	-----	Nenhum material encontrado	-----
Julho de 1918 (v. I, n. 12)	João Goyano (pseudônimo desconhecido)	-----	"O falk-lore do Brasil Central"	Folclore
	Victor de Carvalho Ramos	-----	"Erico"	Crônica

Fonte: Elaboração própria.

Entre contos, crônicas e poemas, dois são de autores goianos (Hugo de Carvalho Ramos e seu irmão, Victor de Carvalho Ramos) e três são de fora – do mineiro Afonso Arinos, e dos cariocas Carlos Maul e Joaquim Manoel de Macedo. Se considerarmos que três dos quatro contos são dos irmãos Carvalho Ramos, e que ao menos um já havia sido publicado em livro – ou seja, "O caminho das tropas", presente na primeira edição de *Tropas e boiadas*, lançado em fevereiro de 1917 –, pode-se inferir que a projeção da literatura feita em Goiás no primeiro ano se deu, em especial, pela narrativa curta, desconsiderando a produção em versos que ascendia na antiga capital do estado desde, pelo menos, o início daquele século.

Essa predileção pode ser justificada pelo próprio alinhamento temático entre os textos de Hugo e Victor com a intenção do projeto da revista, na medida em que, de maneira mais ou menos apurada, ambos buscavam circunscrever características e potencialidades do estado de Goiás, bem como do cerrado brasileiro. Já a literatura que predominou em Goiás durante a efervescência editorial lírica, situada entre o final do século XIX e a primeira década do XX, manifestava um romantismo tardio e de temática escapista, reverenciando em pouco ou nada a região, o que talvez justifique a ausência na revista. Diverge dessa tendência o nome de Cora Coralina que, tanto compôs, ainda que timidamente, aquele movimento, quanto passa a publicar na revista a partir de seu segundo ano. Assim como no caso de Victor e Hugo, veremos que a perspectiva de Cora em seus textos estava atenta com a absorção dos elementos típicos, da região e da vida cotidiana, coincidindo com recursos que, não à toa, determinaram os rumos da literatura brasileira naquele início de século XX.

Em relação aos autores de fora do estado, nota-se a presença de Afonso Arinos através do conto "Buriti perdido", originalmente publicado na obra *Pelo Sertão*, de 1898. Essa presença é plenamente justificável, inclusive tomando a contística de Hugo de Carvalho Ramos como referência, conforme o seguinte diagnóstico:

*Pelo Sertão*, publicado em 1898, e tido como iniciador do Regionalismo brasileiro, pagou tributo à paisagem goiana, como aquele "buriti perdido" a profetizar o aparecimento de Brasília. E *Tropas e Boiadas*, o primeiro e um dos mais sérios livros da literatura no Brasil Central, possui também inúmeras semelhanças estilísticas com o livro de Afonso Arinos que lhe deve ter servido de modelo, ainda que a obra do escritor goiano contenha mais atualidade e muito mais densidade literária (Teles, 1969, p. 36).

É curioso o fato de que essa aproximação já havia sido apontada pelos editores de *Informação Goyana*, em março de 1918. Logo após a transcrição completa do conto "O caminho

das tropas”, de autoria de Hugo, aparecem as iniciais “N. R.” (provavelmente “Nota do redator”), mencionando que,

[c]omo desenhista de costumes sertanistas, como surpreendedor em flagrante das cenas da vida real, sem as imitações dos processos estrangeiros, no observar e sentir, qualidades máximas do artista, entre nós só lhe foi comparável Affonso Arinos, entre os “conteurs” brasileiros (Ramos, 1918, p. 93, N. R.).

Na continuação desse comentário, é notória a reclamação do tal redator,<sup>10</sup> o qual não só justifica a inserção integral desse conto nas páginas da revista, como oferece pistas sobre uma suposta baixa repercussão do recém-lançado *Tropas e boiadas*, no Rio de Janeiro:

Se os da imprensa carioca conhecessem de algum modo os costumes e as causas do “Hinter-land”, que é o depositário das nossas lendas e tradições de par com os modismos, ductilidades e graças da velha língua classica dos quinhentistas, transplantada ao tempo da descoberta do paiz – certo que Hugo teria sido consagrado, na sua estréia, com melhores louvores (Ramos, 1918, p. 93, N. R.).

Houve, ainda, visitas de membros de periódicos do triângulo mineiro à editoria de *A Informação Goyana*, como *Lavoura e Commercio*, *Gazeta de Uberaba* e *Araguary* (“A Informação Goyana” [...], 1917, p. 44), sem contar que, sobre a primeira edição de *Tropas e boiadas*, “[...] o *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de 15 de fevereiro, e *A Notícia*, de 23, informavam que estava para aparecer um livro de um jovem escritor goiano, Hugo de Carvalho Ramos” (Ramos, 1984, p. 19). Por outro lado, no primeiro ano de circulação, não há menção de visitas de responsáveis por periódicos produzidos em Goiás, o que também pode justificar o fato de que *Tropas e boiadas* “[...] não teve grandes repercussões em Goiás, permanecendo mais ou menos ignorado por muito tempo, pelo menos no período que vai até a mudança da capital do estado para Goiânia, quando então a nova geração ‘o descobre’ e passa a tomá-lo como mestre” (Teles, 1969, p. 54).

Isso confirma que o trânsito entre jornais, fazendo com que os conteúdos ganhassem maior exposição, pode ter colaborado com a divulgação da obra de Hugo. Também cabe lembrar que parte dos escritos do escritor circulou em outras revistas e periódicos, “[...] do Rio de Janeiro – *Fon-Fon* – ou, maioritariamente, de Uberaba – *Lavoura e Comércio*, *Via-Láctea*” (Quintela, 2024, p. 27). Essa produção foi reunida e editada com outras, esparsas, incluso versos e correspondências, no segundo volume das *Obras completas*, organizada por Victor de Carvalho Ramos e lançado em 1950 sob o título de *Plangências*. Toda essa rede de circulação – e a falta de informações a respeito da recepção de *Tropas e boiadas* – permite compreender que a inserção de Hugo no sistema literário brasileiro esteve condicionada à sua presença na imprensa, tanto como colaborador, quanto pela divulgação de sua obra editada.

<sup>10</sup> Este comentário pode ter sido inserido tanto por Americano do Brasil quanto por Henrique Silva, porque até março de 1918 ambos ainda estavam vinculados à direção da revista. Americano do Brasil se desliga no mês seguinte, ou seja, abril de 1918. A edição do referido mês (Dr. Americano [...], 1918, p. 102) menciona o fato: “O Exmo. Sr. Desembargador João Alves de Castro, presidente do Estado de Goyaz, acaba de convidar para o cargo de secretario do Interior e Justiça o nosso estimado companheiro Dr. Antonio Americano do Brasil, membro da directoria da ‘A Informação Goyana’”. Vale mencionar que Antonio Americano do Brasil continua colaborando com textos ao longo dos anos seguintes.

Outro diagnóstico que contribui para compreendermos a presença de discursos literários enfocados por *A Informação Goyana* tem a ver com a consciência sobre as ascendentes representações do sertão àquela altura, no âmbito da literatura brasileira. Se isso fica claro pela aparição de Afonso Arinos, verificam-se, ainda, algumas referências literárias utilizadas pelos editores em textos de caráter meramente expositivo. A literatura, nesses casos, atua como recurso à confirmação de determinados pressupostos, justamente pelo capital simbólico que essa prática redacional, editorial e de escrita ocupava entre a intelectualidade da época. Um exemplo pode ser observado no texto de Americano do Brasil, intitulado “A fertilidade e a vegetação do solo goyano”:

Depois que o espirito arguto e observador de Euclides Cunha disserniou em forma litteraria o alcance do *naevus* mestiçado e a barbara psychologia das gentes sertanejas, esculpindo o seu maravilhoso “Sertões”, um phenomeno suggestivamente brasileiro deu entrada nos arraiaes da belletristica – o apparecimento de uma verdadeira sertão-mania, sustentada pelos nervosos amantes das novidades nacionaes.

Não houve poeta que não bordasse uma pagina melancolica de sertanismo nephelibata; romancista que não copiasse certos gestos dos personagens de Affonso Arinos; litterato que não soltasse a verve da phantasia pelos pagos do centro; conferencista que não proclamasse inconscientemente o “masculino sustentador do Brasil futuro”, ora, creando no sertão um oasis de encantos, ora decapitando-lhe as bellezas nativas e variadas (Brazil, 1917, p. 16).

No mesmo número, Henrique Silva faz uma espécie de convocação para os escritores brasileiros, quase que “oferecendo” a história tradicional de Goiás como recurso para uma realização ficcional que, a partir dessa assimilação, estaria, como consequência, dotada de grande valor. Transcrevemos uma parte, presente no texto de título “As mil e uma noites do sertão: seus pro-homens”:

Ainda está por fazer o estudo dos costumes e caracteres do grande cyclo dos bandeirantes paulistas, as tradições, as superstições, vida e scenarios sertanistas do Brasil Central, desde o inicio da sua descoberta até a integralização da nossa nacionalidade. Seus costumes e caracteres, seus dramas e tragedias, seriam descriptos com alma e amor, teriam, como molduras, as paisagens apenas esboçadas pelas pennas de Bernardo Guimarães, de Taunay e do primoroso Affonso Arinos. Nenhuma pagina da litteratura nacional valeria em emotividade, essa em que se reconstituisse em toda a pureza e frescura primitivas, a alma supersticiosa e ingenua do incola sob a ameaça de um “Anhanguera”, aterrorizando-a com a estratagemas de como no alcool que levava, lançar fogo aos rios, fazendo levantar das correntes crystallinas nuvens igneas, e transformando o borborinho das cascatas espumantes em crepitações de ferro em braza, salpicando faúlhas no espaço incendiado (Silva, 1917, p. 22).

Esse mesmo ponto de vista pode ser corroborado pelo uso constante de excertos folclóricos, os quais vão aparecer em pelo menos três ocasiões durante o período em análise. Tal inserção quis, aparentemente, expor a riqueza do extrato cultural dos habitantes de Goiás. Assim, a persuasão se dava não só pelos dados estatísticos e expositivos presentes na revista, mas buscava, pela via da arte literária, revelar as supostas vantagens de um estado exótico,



misterioso, rico e ainda inexplorado, em concordância com as mesmas justificativas que orientaram a circulação da revista.

Além dos textos de Hugo de Carvalho Ramos, o uso do folclore e da tradição também aparecem sob assinatura de Carlos Maul. Este autor retoma uma formatação de epopeia, gênero amplamente conhecido por exaltar os feitos de um herói em reverência à cultura nacional. De fato, “A lenda de Ariana” e “Interpretação de um myto indígena” servem como metonímias da obra do autor, a qual, em linhas gerais, “incita uma volta aos valores originais, ao momento inaugural onde se fundamentam os conceitos absolutos de um povo. Ponto de partida da jornada histórica, esse passado ‘selvagem’ e ‘primitivo’ deveria ser a eterna fonte de seu espírito nacional” (Caires, 2018, p. 2-3). Talvez essa mesma perspectiva, purista em relação ao passado e às origens, justifique o fato de que

a revista passou pela Semana de Arte Moderna (1922), pelo tenentismo (1922-1924), pelo nascimento do Partido Comunista do Brasil (1922), pela marcha da Coluna Prestes (1924-1927), pela Grande Depressão de 1929 e pela Revolução Constitucionalista de 1932 sem, sequer, tocar nesses acontecimentos (Nepomuceno, 2003, p. 45).

Apesar do aparecimento de autores pioneiros (*vide* Hugo e Cora), e que se valeram de alguns pressupostos enunciados pela semana de 1922, como direito permanente à pesquisa e atualização da inteligência artística brasileira, a revista parece ter usado a literatura mais como recurso à reverência e idealização a uma terra inexplorada que como forma de discussão em profundidade da região representada – muito embora os contos de Hugo guardem esta dimensão.

4.2 Dados coletados do volume II de *A Informação Goyana* (agosto de 1918 a julho de 1919)

Tabela 2 – Artigos literários repertoriados no volume II de *A Informação Goyana*

Edição	Autor goiano	Título do artigo	Gênero do artigo
Agosto de 1918 (v. II, n. 1)	Hugo de Carvalho Ramos	“A alma das aves”	Conto
Setembro de 1918 (v. II, n. 2)	Hugo de Carvalho Ramos	“Caçando perdizes” (seção “Chronica do Mez”)	Conto
Outubro de 1918 (v. II, n. 3)	-----	Nenhum material encontrado	-----
Novembro de 1918 (v. II, n. 4)	Eduardo Sócrates	“Reminiscencias”	Crônica
Dezembro de 1918 (v. II, n. 5)	-----	Nenhum material encontrado	-----
Janeiro de 1919 (v. II, n. 6)	-----	Nenhum material encontrado	-----

Fevereiro de 1919 (v. II, n. 7)	Hugo de Carvalho Ramos	“Populações rurais”	Crônica
	Cora Coralina	“Ipê florido”	Crônica
	Americano do Brasil	“O folk-lore do Brasil Central”	Folclore/Desafio
	Dr. Sabino (possivelmente um pseudônimo)	“Casmurros”	Crônica
Março de 1919 (v. II, n. 8)	Cora Coralina	“Doces”	Crônica
	Cora Coralina	“Rio vermelho”	Crônica
Abril de 1919 (v. II, n. 9)	Hugo de Carvalho Ramos	“O piquizeiro da chapada”	Poema
	Cora Coralina	“Ipê florido”	Crônica
	Cora Coralina	“O progresso de Goyaz”	Crônica
Maio de 1919 (v. II, n. 10)	Hugo de Carvalho Ramos	“Desportos nacionais – O Bete”	Crônica
Junho de 1919 (v. II, n. 11)	-----	Nenhum material encontrado	-----
Julho de 1919 (v. II, n. 12)	Cora Coralina	“Um milagre (Lenda de Goyaz)”	Conto/folclore
	Hugo de Carvalho Ramos	“Peru de roda (fragmento)”	Conto

Fonte: Elaboração própria.

De imediato, chama a atenção o fato de que todos os autores presentes no volume 2 são goianos. Por outro lado, não se observa uma diversidade, mas, antes, a ênfase nas figuras de Hugo de Carvalho Ramos (três contos, duas crônicas e um poema, totalizando seis textos) e Cora Coralina, que aparece pela primeira vez, assinando quatro crônicas e um conto de teor folclórico. A respeito de Hugo, esses mesmos contos (“A alma das aves”, “Caçando perdizes” e “Peru de roda”) não apareceram na primeira edição de *Tropas e boiadas*, mas, conforme Ramos (1984), estavam previstos para sair na segunda edição, a qual só veio a ganhar luz em 1922, cerca de um ano após a morte do autor. Tal circunstância revela a originalidade das produções para a revista, na medida em que aquelas podem ter sido as primeiras vezes em que esses textos foram expostos ao grande público.

No caso de Cora, a participação na vida literária através de jornais e revistas periódicas é ainda mais efetiva, uma vez que seu nome aparece no cenário literário de Goiás desde o início do século XX, e seu primeiro livro só foi editado em 1965. A interferência dos macrofatores, como editoras, universidades e imprensa para sua inserção e canonização, já foi amplamente estudada por Britto e Sedda (2009) e, academicamente, a partir de uma noção de sistema literário em conformidade com os pressupostos do teórico Itamar Even-Zohar, por Monteiro (2020), além de Nunes e Quintela (2022). Assim, faremos apenas breves comentários sobre a importância de *A Informação Goyana* nesse processo.

O que observamos na tabela 2 é uma participação da autora em praticamente todo o segundo volume da revista.<sup>11</sup> Com um temário regional e dando conta das questões caras à fauna, flora, lendas e costumes de seu estado de origem, chama a atenção o fato de que, naquele período, Cora já estava morando na cidade de Jaboticabal, interior de São Paulo. A regularidade de suas publicações numa revista que visava mostrar as potencialidades econômicas, mas também culturais de Goiás, para o resto do Brasil, revela a perspicácia da autora em relação ao suporte buscado para divulgar seus escritos, uma vez que ela:

Sabia o que escrever e onde publicar. Para *A Informação Goyana*, enviava suas reminiscências sobre Goiás. Para o jornal *O Democrata*, coisas sobre Jaboticabal. No *Estado de São Paulo*, crônicas pertinentes a um jornal com ampla área de leitores. Para ela, o ato de escrever estava ligado diretamente à publicação. Assim, teria uma resposta ao seu texto. Essa interação escritor/leitor norteava a conduta da escritora (Britto; Sedda, 2009, p. 127).

Percebe-se, ainda, a ornamentação romântica de determinados textos de Cora inseridos em *A Informação Goyana*, distintos da construção literária que a consagrou a partir da primeira publicação em livro. “Ipê Florido”, texto que sai em duas edições da revista,<sup>12</sup> demonstra um manejo com a linguagem alinhado com as construções sintáticas de Hugo, o que se aproxima do tipo de literatura que se julgava ideal para as intenções dos editores. Apenas para se ter uma amostra, vale a citação do primeiro parágrafo do referido conto: “Altaneiro e flamimivomo, erecto e magestoso, alteia na campina verde e distante, embellezando a paisagem deserta com o seu fulgor de ouro o novo, o Ipê Florido” (Coralina, 1919, p. 126). Percebe-se um uso rebuscado da língua, incrementado por conjunções aditivas, dando a mesma impressão de grandiosidade do cerrado pela linguagem literária, aspecto muito presente nos contos de Hugo de Carvalho Ramos.

Além da recorrência desses dois autores para demonstração de certa goianidade sintetizada em uma linguagem culta, outras duas questões merecem atenção, começando pelo texto “Casmurros”, presente no volume de fevereiro e assinado por um tal Dr. Sabino. Trata-se de um esboço de análise linguística tendo o texto literário como objeto, sobre a necessidade de renovação. O texto diz: “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não desdenharem o uso de palavras e frases que, originárias do Brasil ou aqui populares, se não encontram nos obsoletos dicionários de língua portuguesa, ou nelles vêm com fôrma ou significação diferente” (Dr. Sabino, 1919, p. 107). De modo geral, esse comentário, que aponta para um exercício de crítica sobre o que se publicava no momento, diz respeito à mesma ideia de integração entre a oralidade sertaneja e um ideal mais ou menos em conformidade com as perspectivas estéticas do Modernismo brasileiro. Vale mencionar que Eduardo Sócrates, que aparece na edição de novembro de 1918, também nasceu na Cidade de Goiás. Ele foi o ter-

<sup>11</sup> Denófrío, 2004, p. 16, citada por Britto e Sedda, 2009, p. 129, diz que as publicações de Cora em *A Informação Goyana* aparecem em 1919 e cessam em 1924.

<sup>12</sup> A primeira publicação deste conto havia saído em fevereiro de 1919. Já na edição de abril do mesmo ano, consta a seguinte menção: “Sob o título Ipê Florido, reproduzimos nesta edição o artigo de nossa distincta collaboradora D. Córã Coralina, o qual sahiu truncado em nosso número 15 de fevereiro ultimo.

Não quizemos privar os nossos leitores da boa prosa desta pequena pagina artistica de tão notavel patricia e damos hoje em toda integridade do texto o artigo que um descuido typographico havia decepado uma boa metade, inclusive a assignatura da autora” (Cora [...], 1919, p. 132).

ceiro maior colaborador de *A Informação Goyana* e também teve formação concluída na Escola Militar da Praia Vermelha (Nepomuceno, 2003, p. 89).

## 5 Considerações finais

Tanto pelo aspecto quantitativo quanto pelo qualitativo, percebemos que os textos literários presentes nos dois primeiros volumes da revista *A Informação Goyana* tiveram uma função mais acessória, complementando um discurso de amostra de Goiás para o resto do Brasil e do mundo. Por outro lado, pode-se dizer que essa inserção também ajudou a estabelecer certos nomes no campo literário brasileiro, uma vez que pôs em circulação textos recém-editados em livro, como no caso dos contos de Hugo de Carvalho Ramos, publicados em *Tropas e boiadas*, além de inéditos, escritos especialmente para a linha editorial aparentemente exigida pela revista, conforme aconteceu com Cora Coralina.

Outro ponto que merece destaque é a presença de autores de fora de Goiás, mas que apresentavam um repertório temático baseado no então ascendente tema do sertão. A participação de Afonso Arinos, bem como as menções ao celebrado Euclides da Cunha, comprovam que os editores estavam atentos a essa tendência, a ponto de adequarem esses discursos aos propósitos da revista. Os textos de caráter folclórico, e que são presença constante desde o início até o fim de sua circulação, também podem ser vistos como reforço à propaganda de um estado inexplorado e exótico, repleto não só de potencialidades naturais para investimentos econômicos, mas distinto, na medida em que também oferecia raízes mitológicas que engrandeciam culturalmente a região.

Igualmente, chama a atenção o fato de a revista dar alguma ênfase a elementos de instrução pública, mas sequer mencionar instituições provedoras de manifestações artísticas, como bibliotecas e salas públicas de leitura, cinemas e outras instituições que compunham o campo cultural da Cidade de Goiás a partir daquela segunda década do século XX. É o que se percebe, por exemplo, pelo artigo de Victor de Carvalho Ramos presente na edição de novembro de 1917, de título “O ensino em Goyaz”. Apesar de mencionar o então Liceu Goiano e a Escola Normal, bem como outros colégios, localizados em cidades ao norte e sul de Goiás, não há, por exemplo, menção ao Gabinete Literário Goiano, iniciativa particular e associativa com fundação datada de 1864, responsável pela aquisição e circulação de livros literários em Goiás de forma mais ou menos regular, até, pelo menos, 1930. Uma pesquisa mais aprofundada nos volumes subsequentes da revista também pode dar uma amostra de como os editores trataram essa questão.

Por fim, concluímos que a pesquisa pelas páginas de *A Informação Goyana* apresenta-se como mais um exemplo da função essencial que os periódicos não especializados tiveram para a constituição e circulação da literatura em ou sobre Goiás. Quanto a extrair produtos vinculados a certa apreciação estética, ou até mesmo de incipiente crítica literária, é inequívoco que há um longo trabalho a ser feito, *vide* a quantidade de jornais, revistas e periódicos locais que assimilaram, com mais ou menos ênfase, a literatura em suas páginas, como a revista estudada. De todo modo, reconhecemos algumas lacunas no exercício proposto como, por exemplo, perceber até que ponto a predominância dos gêneros literários verificados (contos e crônicas) diz respeito a um “movimento de mão dupla”, ou seja, se as dinâmicas da imprensa (periodicidade, imediatismo, linhas editoriais, circulação entre um público externo e entre



outros periódicos e revistas do período) também são fatores que condicionaram a escolha pelos gêneros, bem como os recursos estéticos utilizados pelos respectivos autores. Tudo isso pode, enfim, orientar pesquisas futuras.

## Referências

- “A INFORMAÇÃO Goyana” no paíz e no estrangeiro. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano I, v. I, n. 4, p. 44, 15 nov. 1917. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&Pesq=J%c3%a1%20%c3%a9%20tempo%20dos%20brasileiros%20escreverem&pagfis=106>. Acesso em: 8 maio 2024.
- “A INFORMAÇÃO Goyana”. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano I, v. I, n. 1, p. 3, 15 ago. 1917. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&pagfis=3>. Acesso em: 10 maio 2024.
- A INFORMAÇÃO GOYANA. Rio de Janeiro, ano II, v. II, n. 4, 15 dez. 1918. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=176648&pesq=&pagfis=487>. Acesso em: 11 maio 2024.
- A INFORMAÇÃO GOYANA. Rio de Janeiro, anos I e II, 1917-1919. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&Pesq=J%c3%a1%20%c3%a9%20tempo%20dos%20brasileiros%20escreverem&pagfis=1>. Acesso em: 11 maio 2024.
- BORGES, Thaís Cristina Modesto. A instrução elementar na revista *A Informação Goyana*. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas – História, Sociedade e Educação no Brasil, 7., 2009, *Anais [...]*. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2009. Disponível em: [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html). Acesso em: 22 fev. 2024.
- BRAZIL, Americano do. A fertilidade e a vegetação do solo goyano. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano I, v. I, n. 2, p. 16-17, 15 set. 1917. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&pagfis=38>. Acesso em: 15 maio 2024.
- BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.
- CAIRES, Daniel Rincon. A estética nacionalista de Carlos Maul. In: Encontro Estadual da ANPUH – Associação Nacional de História, 24., 2018, *Anais [...]*. Guarulhos: UNIFESP, 2018. Disponível em: [https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anaais/8/1530363519\\_ARQUIVO\\_AesteticanacionalistadeCarlosMaul-r.pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anaais/8/1530363519_ARQUIVO_AesteticanacionalistadeCarlosMaul-r.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 5. ed. Goiânia: Editora UFG, 2018.
- CORA Coralina. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano II, v. II, n. 9, p. 132, 15 abr. 1919. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&Pesq=Nenhuma%20pagina%20da%20litteratura%20nacional&pagfis=626>. Acesso em: 20 maio 2024.
- CORALINA, Cora. Ipê florido. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano II, v. II, n. 9, p. 126, 15 abr. 1919. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&Pesq=-J%c3%a1%20%c3%a9%20tempo%20dos%20brasileiros%20escreverem&pagfis=634>. Acesso em: 25 maio 2024.

DR. AMERICANO do Brasil. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano II, v. I, n. 9, p. 102, 15 abr. 1918. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&pagfis=258>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DR. SABINO. [Outro grande escriptor portuguez]. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano II, v. II, n. 7, p. 107, 15 fev. 1919. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&Pesq=J%c3%a1%20%c3%a9%20tempo%20dos%20brasileiros%20escreverem&pagfis=575>. Acesso em: 3 maio 2024.

FIGUEIREDO, Nelson Lopes de. *Passageiro da história: do sertão ao infinito*. Goiânia: Kelps, 2016.

LISBOA, Andreia Silva. O “*Brazyl Central*” e suas potencialidades na revista *A Informação Goyana*. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/38b98b4e-4d1d-4de3-a91a-abea8b48a423>. Acesso em: 22 fev. 2024.

LOBO, José. *Contribuição à história da imprensa goiana*. Goiânia: Indústria Gráfica Ingra, 1949. Obra póstuma.

MONTEIRO, Thaise. As instituições e o processo de “canonização” de Cora Coralina. *Leitura EM Revista*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 46-64, 2020.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. *O papel político-educativo de A Informação Goyana na construção da nacionalidade*. Goiânia: Editora UFC, 2003.

NUNES, Margareth de Lourdes Oliveira; QUINTELA, Antonio Corbacho. A chancela editorial da UFC e a inflexão no impacto da obra de Cora Coralina. *Signótica*, Goiânia, v. 34, p. e69372, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v34.69372>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/69372>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PINA FILHO, Braz Wilson Pompêo de. *Goiás: História da Imprensa*. Goiânia: Edição Departamento Estadual de Cultura, 1971.

QUINTELA, Antón Corbacho. Plangências: um título que sentenciava a miscelânea do segundo volume das Obras Completas. In: RAMOS, Hugo de Carvalho. *Hugo de Carvalho Ramos: obras reunidas*. São Paulo: Ercolano, 2024, p. 19-31, 2024. v. II.

RAMOS, Hugo de Carvalho. Caminho das tropas. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano II, v. I, n. 8, p. 92-3, 15 mar. 1918. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&pagfis=249>. Acesso em:

RAMOS, Victor de Carvalho. Nota biográfica sobre Hugo de Carvalho Ramos. In: RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. 6. ed. Goiânia: P. D. Araújo – Livraria e Editora Cultura Goiana, 1984. p. 11-23.

SILVA, Henrique. As mil e uma noites do sertão: seus pro-homens. *A Informação Goyana*. Rio de Janeiro, ano I, v. I, n. 2, p. 22, 15 set. 1917. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=176648&pagfis=44>. Acesso em: 4 abr. 2024.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás: estudo, antologia*. 3. ed. Goiânia: Editora UFC, 2019.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969.

TELES, José Mendonça. *Vida e obra de Silva e Souza*. Goiânia: Oriente, 1978.

TELES, José Mendonça. *Dicionário do escritor goiano*. 4. ed. Goiânia: Kelps, 2011.